

A Marcha das Vadias: o corpo-signo da autonomia feminina na mídia

Fábio Caim Viana

*Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Professor na Faculdade de Campinas e no Centro Universitário Belas Artes
E-mail: fabiocaim@uol.com.br*

Sandra Febbes Casarejos

*Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero
Professora na Universidade Nove de Julho
E-mail: sandrafebbe@hotmail.com*

Aryovaldo Azevedo Junior

*Doutor em Multimeios pelo Instituto de Artes da Unicamp
Professor na Universidade Federal do Paraná
E-mail: prof.ary.azevedo@uol.com.br*

Este artigo faz uma análise do corpo-signo presente na Marcha das Vadias. Trabalha esse manifesto como uma zona autônoma temporária, que promove a possibilidade da existência de uma guerrilha por afinidade, combativa e dispersa. Identifica esse corpo como guerreiro e voraz no seu combate à politização patriarcal do feminino, bem como compreende e analisa os fluxos midiáticos padronizados, aos quais o corpo da mulher está preso.

Palavras-chave: feminino; corpo; representação; sistema midiático.

SlutWalk: the body-sign of women's emancipation in the media

This article is an analysis of the body as a sign. For that, we chose to study the well known "SlutWalk", a feminist parade which happens once a year in Brazil. On this article we approach this manifest as a temporary and autonomous zone, which promotes - through the body -, the possibility of a battle through identification, which can be combative but also can promote the public's floating attention. This body can be identified as strong and voracious on its fight against patriarchal politics. The body in question also understands and analyzes patterns of the media streams, in which women's bodies are trapped in.

Key-words: feminism; body; representation; , mediatic system.

La marcha de Las Putas: el cuerpo-signo de la autonomía de la mujer en los medios de comunicación

Por lo propuesto se hace el análisis del cuerpo-signo en la Marcha de las Putas y se trabaja con el concepto de "zona autónoma temporaria", que lo hace posible existir una guerilla muy combatiente y dispersa. Apunta ese cuerpo como guerrillero y voraz en su pelea contra la politización patriarcal del femenino, así como entiende y hace los análisis de los flujos mediaticos padrones, a los cuales el cuerpo de la mujer esta encarcelado.

Palabras-clave: feminismo; cuerpo; representación; sistemas mediaticos.

Os Primeiros Passos da Marcha

O movimento Marcha das Vadias explodiu em 2011, na cidade de Toronto, no Canadá, como forte reação à declaração de um policial de que mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como vadias (*sluts*) (Gomes, Sorj, 2014, p. 437). A declaração provocou o surgimento e replicação de várias marchas pelo mundo denominadas marchas das vadias, assumindo o vocábulo como forma de protesto. O termo vadia (feminino de vadio [do latim *vagativu*, *vagabundo*], cujo significado está relacionado à ociosidade), assumiu sentido pejorativo e foi associado à prostituição feminina, desvirtuando-se, assim, de seu correspondente masculino.

No Brasil, especificamente na cidade de São Paulo, a Marcha alcançou sua 4ª edição em 2014, com manifestações na avenida Paulista, principalmente na região próxima ao MASP – Museu de Arte de São Paulo. Para nos atermos apenas a 2014, a Marcha também foi realizada em outras cidades do estado de São Paulo, como Campinas, Guarulhos, São Carlos, São José dos Campos, e em outros estados e em cidades como Rio de Janeiro, Belém, Belo Horizonte, Uberlândia, Brasília, Natal, Goiânia, Curitiba, Manaus, Porto Alegre, Salvador e São Luís.

Pelo mundo, a Marcha passou, além do Canadá, seu lugar de origem, pela Inglaterra, Estados Unidos, Argentina, Colômbia, Bolívia, Uruguai, México, Venezuela, Peru, Chile, Coréia do Sul, Índia, África do Sul, entre outros países.

O manifesto explícito da Marcha é a declaração de que toda mulher tem o direito à autonomia de decisão sobre o próprio corpo, sobre as formas de representá-lo e ressignificá-lo, sem que para isso seja alvo de violências, segregações ou preconceitos.

A Marcha intenta construir uma subversão, propor um liberalismo além do político e cultural, valorizar o corpo-signo, também, como um corpo individual e não apenas coletivo, portanto, objeto de uma legislação cerceadora. Assim, ao ampliar o significado do termo ‘marcha’, teremos uma compreensão desse movimento que segue cadenciado, desenvolve-se como expressão, em cortejo, marcando o desejo de possuir o corpo-suporte de sua individualidade.

Como espaço feminista, a Marcha pode ser compreendida como releitura contemporânea de antigos *happenings*, como a queima de sutiãs ou os discursos exaltados nas universidades, no sentido de que ocupa espaços públicos de forma caricata, divertida, combativa, explícita e ao mesmo tempo séria, fazendo uso de um intenso aparato midiático horizontal e descentralizado.

Desta forma, não há um site oficial do movimento, não há uma sede específica, ou algum coletivo que assume para si o direito autoral ou de origem da Marcha. Como fenômeno e representação da realidade atual, a Marcha é viral e contemporânea, pois, conforme Agamben (2009) o contemporâneo estabelece

(...) uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (Agamben, 2009, p. 59).

De fato, para que um fenômeno seja contemporâneo, segundo o autor, é preciso que ele tenha aderência a seu tempo, mas também que esteja em um sentido anacrônico, ou ainda dissociado parcialmente, para que possa se afastar e manter uma posição crítica. Nada mais contemporâneo do que a expressão midiática de exigências, entretanto, nada tão fora da contemporaneidade quanto a valorização do corpo-signo, que não se pressupõe estandardizado. A Marcha se locomove como um fenômeno contemporâneo, mas reflete reivindicações antigas do movimento feminista, porém atualizadas.

De acordo com a perspectiva de Bey (2004, p. 14) esse fenômeno contemporâneo poderia ser considerado como uma TAZ (Zona Autônoma Temporária), uma espécie de:

(...) rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la. (ibid, 2004, p. 17).

O início da Marcha, em Toronto, Canadá, no ano de 2011, e sua migração para diversas partes do mundo, sem que um movimento consistente fosse organizado, prova que as comunidades por afinidade se estabelecem como fonte de liberação temporária, para depois se desagregarem e, em outro momento, novamente se reconstituírem. Neste sentido, faz crer que a Marcha exige liberação de um imaginário preso a proposições abusivas e exploradoras do corpo feminino.

A Guerrilha do Corpo-Signo

Essa operação de guerrilha visa liberar o corpo feminino, conferindo-lhe o status de corpo-signo, pleno de representações autônomas e, por que não, midiáticas, portanto, também agindo como corpo-mídia (Greiner, 2010).

Se as reivindicações do movimento feminista historicamente sempre estiveram sustentadas pela igualdade de direitos, manutenção do bem-estar, conquistas de oportunidades nos espaços públicos, diminuição da condição de 'dona do lar' como qualidade intrínseca do feminino; a Marcha das Vadias salta para a constituição de uma guerrilha do corpo. Não que o corpo também não tenha

sido, em seu sentido biológico, mais um tema das reivindicações feministas; o corpo da procriação (tanto aquele que opta por procriar, quanto aquele que opta por não procriar) esteve presente no discurso emancipatório feminista, coroado quimicamente pelo anticoncepcional, lançado em 1960.

Para as gerações anteriores de feministas, a autonomia sobre o corpo aparecia atrelada às reivindicações pela descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher. Para as gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de “libertação” do corpo (Gomes, Sorj, 2014, p. 438).

Por isso, o corpo-signo que aparece na Marcha das Vadias é um corpo menos indicial e predominantemente simbólico, portanto, guerrilheiro pelas posições que ocupa no imaginário cultural e midiático da sociedade. Desta forma, também, é um corpo-proposição já que se replica nos fluxos das redes midiáticas, mesmo que de maneira tímida frente aos corpos como padrões já consolidados.

A Marcha, como exaltação do corpo-individual, por isso mesmo autônomo, se projeta como uma proposição contrária ao feminino divulgado insistentemente no sistema midiático, que por sua vez adquire status de crença, tamanha sua força condicionante consciente e inconsciente das relações que se estabelecem entre a mulher e sua subjetividade.

Em certo sentido, esse corpo-signo feminino resgata o direito de desejar e, principalmente, não desejar. Se expõe como portador de uma feminilidade própria, não dicotômica, no sentido de que não se opõe ao masculino para se constituir, mas especialmente, como desejante. Não pretende um desejo calado e cenográfico como o das históricas freudianas; desejo esse recalcado e emudecido em seu discurso verbal, por um trauma psíquico tão avassalador em sua infância, que não lhe foi possível encontrar, naquele tempo psíquico, a angústia necessária para vivenciá-lo (cf Nasio, 1991, p. 25-26). Obviamente, além do trauma há também, na época vitoriana de Freud, um emudecimento feroz do feminino, encarcerado nas atividades do lar, como sujeito condicionado e não autônomo.

A Marcha das Vadias pretende falar sobre desejos, traumas, ou melhor, discursar sobre tais eventos, para que não pensemos que há uma primazia do verbal na possibilidade comunicativa do corpo desejante.

A provocação da Marcha também se faz em relação a um sistema midiático viado e mandatário, acorrentado a padrões de consumo estritamente exploratórios.

Não parece haver outro caminho para a grande maioria dos seres humanos senão se reconhecer, se relacionar consigo mesmo e com suas vidas de acordo com os discursos, as imagens das mídias e os pressupostos em que se sustentam. Ora, nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância com o cumprimento da promessa de uma felicidade sem máculas (Santaella, 2004, p. 125-126).

Apesar de todo corpo ser uma ficção, por ser um discurso que se descortina e revela nas relações que estabelece com seus ambientes, ainda assim, é possível notar a existência de uma resistência ao corpo ilusão, tão fortemente publicizado nos fluxos midiáticos. Estrategicamente, marcas como Dove têm trabalhado sua comunicação mercadológica buscando relativizar o corpo feminino, tratando-o como corpo-signo, multifacetado e plural nas suas significações. Neste caso em específico, a marca Dove usou para isso a rema “Real Beleza” (divulgada em uma campanha publicitária em 2004/2005), com o objetivo de discursar sobre corpos femininos não tão padronizados.

O corpo-signo da Marcha das Vadias reivindica o discurso como espaço contestatório das representações da autonomia feminina, passando assim a se assumir como um corpo-mídia.

Sendo o corpo e a realidade frutos sempre provisórios das trocas permanentes que fazem, os nomeares sobre o corpo se ajustam e desajustam em relação aos contextos que vão sendo produzidos nessa relação, ao longo do tempo. Nos de agora, ocorre a hipertrofia da visibilidade do corpo e como as sociedades se tornam cada vez mais transparentes (Vattimo, 1992) porque nelas as formas de comunicação não param de se expandir, é justamente o corpo que nos remete à biopolítica (Katz apud Greiner, 2010, p. 129).

Afinal, segundo as autoras, todo corpo é fruto provisório de sua relação com a realidade, sendo assim, esse corpo produzido combate sua determinação como ente jurídico regido por uma legislação puritana e patriarcal.

A autonomia do corpo-signo, que se quer multiplicado em representações diversas, tende a escapar do vigor determinante das linhas de raciocínio falocêntricas. Não busca ser o corpo penetrado, busca ser o corpo-mídia, que se estabelece na troca, nas relações, nas interpenetrações, nas dissociações, nos desejos e nos recalques.

O Verbal-Escrito e o Corpo-Mídia

As guerrilheiras da Marcha das Vadias cientes do poder midiático de seus corpos expostos e, por vezes, nus, exibem grafites, inscrições e dizeres de ordem.

Usam o poder atrativo de suas aparências para verbalizar e manifestar interpretações desestruturantes de si mesmas e de seus papéis na sociedade.

Para analisarmos tais imagens desestruturantes, usaremos o banco de imagens do UOL Notícias e as fotos indexadas de 1 a 20 do álbum Marcha das Vadias, de 24 de maio de 2014. As imagens analisadas são aquelas que apresentam o corpo como suporte de palavras e frases de ordem.

A foto 15³ deste álbum privilegia um olhar de cima para baixo, concentrando na seguinte frase escrita nas costas da guerrilheira: SôFrida, mas não me Kahlo!

Obviamente, a frase faz alusão a Frida Kahlo, pintora mexicana reconhecida pela arte agressiva, fantástica, feminista e criativa. Além disso, a pintora teve uma vida bastante atribulada tendo experimentado relações sexuais tanto com homens, quanto com mulheres, ainda assim, mantinha também seu papel de esposa do muralista Diego Rivera.

A frase “SôFrida, mas não me Kahlo, possibilita um viés de análise bastante interessante.

Considerando-se a primeira parte como oração, temos: SôFrida – que pode ser compreendida como uma forma popular oralizada de “Sou Frida” –, uma clara alusão à artista plástica Frida Kahlo, confirmada pela presença do segundo termo – Kahlo – na segunda parte da frase.

Dessa forma, tem-se o sujeito oculto “eu” – 1ª pessoa do singular –, curiosamente, o “eu” oculto, e Frida, como predicativo desse sujeito, ou seja, um substantivo próprio usado como elemento de qualificação do “eu” oculto.

Pressupõe-se, portanto, que o termo Frida se refira ao conjunto de conceitos atrelados à pintora, ou ainda, aos valores simbólicos representados por ela – força, feminismo, liberdade e sofrimento.

Sendo assim, a oração em questão é a expressão do desejo de ressignificar tudo o que o mito Frida Kahlo representa, mitificando-se também, visto que o corpo fotografado porta a expressão da manifestante – fragmento do corpo coletivo – que se autodenomina Frida.

Essa primeira oração permite, ainda, outra possibilidade, se analisada sob o aspecto da oralidade. Pois bem, sob esse aspecto, o verbo “ser”, usado na primeira pessoa do singular, do presente do indicativo, transforma-se em “sô” – forma popular oralizada – e, ao se juntar ao nome Frida, resulta no adjetivo feminino “sofrida” – cuja vogal “o” é fechada e, por isso, justifica a presença do acento circunflexo.

Portanto, há a dupla possibilidade de compreensão do termo “sô” – sou, como forma popular oralizada do verbo, cuja vogal também é fechada, e como primeira sílaba da palavra que designa a pessoa que passa ou passou por sofrimento, dor, privação: sofrida – so-frida.

3. Endereço eletrônico para visualização da foto: <http://noticias.uol.com.br/album/2014/05/24/marcha-das-vadias-em-sao-paulo.htm#fotoNav=15>

De uma forma, ou de outra, a mulher se declara vítima de sofrimento, reiterando essa declaração através do duplo sentido: se, metaforicamente, ela é Frida; ela é, também, mulher sofrida, em sentido real.

Já a segunda oração – mas não me Kahlo – traz a conjunção adversativa “mas” e, portanto, faz com que esta segunda afirmação se oponha à primeira.

Novamente, temos um substantivo próprio – Kahlo – que, oralizado, apresenta a mesma sonoridade do verbo “calar”, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo: calo.

Nesse sentido, a manifestante se assume como mulher submetida ao sofrimento, mas que se nega a ser submissa.

Observa-se, ainda, a presença do pronome oblíquo átono “me”, o qual reforça a ideia de autonomia da mulher-manifestante-guerrilheira em relação a si mesma. Uma vez que, ao afirmar “não me Kahlo”, ela diz que não cala a si mesma, não se censura, não reprime a expressão de sua dor e de sua força e, através disso, ela se posiciona como a única pessoa com o direito de lhe calar, traduzindo, dessa maneira, a principal reivindicação do movimento: o direito de toda mulher ser dona de si mesma, ou seja, valorizando o corpo-signo como índice e símbolo de autonomia.

Além disso, contrapondo-se à expressão “quem cala, consente”, a mulher-manifestante não se cala e, portanto, não compactua, nem se submete aos desmandos de uma sociedade de base patriarcal.

É importante considerar a parte do corpo na qual a expressão “SôFrida, mas não me Kahlo foi inscrita – nas costas –, pois ao se ler a frase, o rosto da mulher se mantém oculto e, conseqüentemente, sua identidade. Paradoxalmente, temos a frase na primeira pessoa do singular, mas não temos o rosto dessa fala. Sendo assim, a fala individual se torna coletiva, pois onde não há um rosto único, cabem todos os rostos daquelas que lutam por respeito e autonomia.

Na foto 13⁴, duas adolescentes “gritam” por meio da palavra escrita em suas testas: VADIA. Escritas em maiúscula, as duas palavras são réplicas de uma proposição que se transforma. A subversão do xingamento vadia em uma palavra de ordem multiplica os sentidos desse símbolo.

A inscrição na testa, também, é significativa, pois relembra as imagens de adolescentes aprovadas em vestibulares e que assumem orgulhosamente as Universidades as quais entraram. Pressupomos que por analogia a inscrição “vadia” é assumida como um qualitativo de orgulho, de combate, de visibilidade, talvez, como um vestibular da vida.

A frente, lugar de verdade, sinceridade e superfície da racionalidade, denuncia que toda mulher, detentora de seu corpo, invariavelmente será apontada e taxada como vadia por ser quem é. Será menosprezada por exercer seu direito

4. Endereço eletrônico para visualização da foto: <http://noticias.uol.com.br/album/2014/05/24/marcha-das-vadias-em-sao-paulo.htm#fotoNav=13>

a um corpo próprio, a um corpo-signo que não se atualiza exclusivamente nas interpretações dadas de uma sociedade ainda machista e conservadora.

Constituído pela linguagem, sobredeterminado pelo inconsciente, pela sexualidade e o fantasmático e construído pelo social, como produto de valores e crenças sociais, o corpo foi crescentemente se tornando o nó górdio no qual as reflexões contemporâneas são amarradas (Santaella, 2004, p. 28).

Os exemplos citados anteriormente – as fotos 13 e 15 de mulheres na passeata – comprovam que o corpo se tornou lugar de questionamentos e visibilidades importantes para a contemporaneidade.

O privado da sexualidade e da relação dos corpos é exposto pela 14ª vez (edição 2015) no reality show Big Brother Brasil, da TV Globo, maior emissora de conteúdo aberto do Brasil. Ou seja, a relevância do corpo como nexos de atuações e performances se promove pelo sistema midiático reverberando proposições e crenças sobre aparências consumíveis.

Na foto 12⁵, do álbum, quatro mulheres com o dorso nu são o foco da imagem. Seus rostos estão cobertos por capuzes pretos e vestem apenas calças pretas. Em seus dorsos, com os seios à mostra, podemos ler a inscrição de nomes de outras mulheres: Juliana, Bianca, Lilian, Paula, Julia, Andreia, Marta, Isa, Cláudia, Aparecida entre outras.

Foto imponente, ambientada embaixo do vão livre do MASP, as mulheres parecem vibrar com a imagem da justiça: daquela que segura em uma mão uma balança e na outra a espada, mas sempre de olhos vendados, para que não haja parcialidade nas decisões. Novamente, o sentido metafórico se impõe como resistência, como guerrilha do corpo-signo que se amplifica nos muitos nomes que apresenta.

Aquelas mulheres de olhos vendados não são apenas elas, são todas as mulheres, todas as Cláudias e todas as Julias exercendo seu potencial icônico metafórico de se assemelharem a todas as réplicas do gênero feminino, configurando-se, portanto, como legíssimos simbólicos.

A foto 3⁶ apresenta a tomada frontal de uma mulher negra expondo seus seios, enquanto uma segunda pessoa desenha corações em seu corpo. Além disso, próximo aos seios está escrito: meu corpo.

A foto, novamente, apresenta um corpo-signo guerrilheiro, que se presta ao amor, aos corações, aos desenhos, mas que necessariamente pertence àquela mulher. É um corpo individual, perante uma exigência coletiva de mais autonomia e respeito. É um corpo que em sua individualidade desdenha alegoricamente dos padrões recorrentes de materialidade corpórea do feminino, como peças a serem expostas.

5. Endereço eletrônico para visualização da foto: <http://noticias.uol.com.br/album/2014/05/24/marcha-das-vadias-em-sao-paulo.htm#fotoNav=12>

6. Endereço eletrônico para visualização da foto: <http://noticias.uol.com.br/album/2014/05/24/marcha-das-vadias-em-sao-paulo.htm#fotoNav=3>

Considerações

A Marcha das Vadias, como zona autônoma temporária, reflete um padrão de guerrilha contemporâneo coberto por afinidades, esvaziado em sentidos políticos mais profundos, mas que privilegia a construção de um corpo-signo individual, que é politizado desde um viés feminista, avançando contra a legislatura patriarcal que infantiliza, protege, encarcera e desqualifica o corpo feminino.

Significativo na Marcha é a retomada do qualificativo “vadia”, usado vulgarmente como xingamento na sociedade, e sua subversão em uma palavra de ordem, em uma definição de uma forma de ser feminino, que ridiculariza as interpretações masculinas sobre o estilo de vida da mulher.

Usar o termo “vadia” como designativo de uma postura combativa é ofertar uma pluralidade de sentidos ao corpo, que se por um lado é legislado a partir de seu pertencimento a uma coletividade; por outro, é vivido como uma individualidade carregada de subjetividade.

O “vadia” caracteriza um corpo expoente de uma historicidade marcada por coerções, orientações, conduções e dominações de sentido e materiais, desde uma perspectiva masculina. Portanto, a partir de uma conjectura entre o ser e o não ser viril.

Plantado no terreno da virilidade estariam as possibilidades musculares de força, agressividade e domínio, já no campo do não viril estariam as sobras frágeis do resto da humanidade, a saber, o feminino e a homossexualidade.

A Marcha revela com seus corpos uma subjetividade viril, combativa e extremamente feminina, porque não se opõe ao masculino como qualitativo; ao contrário, agrega esse e outros adjetivos à sua discursividade política de enfrentamento, entretanto, muito mais como uma questão de autonomia sobre as decisões do corpo-signo, entendendo que esse corpo é plural, multifacetado e pleno de subjetividade, não podendo ser reduzido a condições estéticas, por uma sociedade que privilegia o feminino como um objeto de consumo a ser esgotado em sua sensualidade e sexualidade.

Concluindo, o objetivo da Marcha das Vadias não é tornar o masculino o inimigo, é, sim, assumir o corpo-signo feminino como protagonista de si mesmo, sem que precise da condução, ou do aval de um sistema patriarcal.

Referências

Álbum Marcha das Vadias. UOL Notícias. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/album/2014/05/24/marcha-das-vadias-em-sao-paulo.htm>>. Acessado em 29/01/2015.

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Santa Catarina: Argos, 2009.
- BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.
- CAIM, Fábio. **Singularidades do Masculino na Publicidade Impressa: semiótica e psicanálise**. São Paulo: Intermeios, 2011.
- GOMES, Carla, SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a marcha das vadias no Brasil**. Brasília: Revista Sociedade e Estado, vol 29, n. 2, p. 433-447, maio/agosto de 2014.
- GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010.
- JARVIS, Heather. **How. Slut Walk Toronto**. Disponível em: <<http://www.slut-walktoronto.com/about/how>>. Acesso em 29/01/2015.
- NASIO, J. D. **A Histeria: teoria e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

